SEÇÃO 1 – Panorama Internacional

Petróleo

1.1 Reservas
1.2 Produção
1.3 Consumo
1.4 Refino
1.5 Preços

Gás Natural

1.6 Reservas
1.7 Produção
1.8 Consumo

A primeira seção retrata o desempenho da indústria mundial de petróleo e gás natural, contextualizando a atuação do Brasil, e se desdobra em dois grandes temas: **Petróleo** e **Gás Natural**. O primeiro capítulo de cada um deles trata da evolução das *Reservas;* o segundo, da *Produção;* e o terceiro do *Consumo* entre os anos de 2003 e 2012.

No tema **Petróleo** são apresentados mais dois capítulos - *Refino* e *Preços* - que abordam, respectivamente, a situação do refino mundial e a evolução das cotações internacionais do petróleo, tomando como referência os tipos Brent e West Texas Intermediate (WTI).

Petróleo

1.1. Reservas

Em 2012, as reservas provadas de petróleo no mundo atingiram a marca de 1,7 trilhão de barris, após um aumento de 0,9% em relação a 2011.

As reservas dos membros da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep) aumentaram 1,1%, totalizando 1,2 trilhão de barris (72,6% do total mundial); enquanto as dos países que não fazem parte da Opep tiveram acréscimo de 0,4%, somando 457 bilhões de barris.

O Oriente Médio, região que concentra a maior parte das reservas mundiais, registrou aumento de 1,2% em suas reservas de petróleo, que chegaram a 807,7 bilhões de barris (48,4% do total mundial), impulsionadas pelo acréscimo de 4,8% nas reservas do Iraque e de 1,6% nas do Irã.

Dentre os países, a Venezuela seguiu como detentora do maior volume de reservas petrolíferas, com 297,6 bilhões de barris (17,8% do total mundial), após ter ultrapassado a Arábia Saudita em 2010. As reservas sauditas registraram um pequeno acréscimo de 0,2%, totalizando 265,9 bilhões de barris (15,9% do total mundial), o que manteve o país na segunda posição do ranking mundial de reservas provadas de petróleo.

A única região que sofreu queda no volume de reservas de petróleo foi a América do Norte. Estas atingiram 220,2 bilhões de barris (13,2% do total mundial), após terem caído 0,3% em consequência da diminuição de 0,4% no Canadá e de 0,3% no México.

Por outro lado, as reservas de petróleo da região que compreende Europa e ex-União Soviética tiveram aumento de 0,4%, somando 140,8 bilhões de barris (8,4% do total mundial), diante dos acréscimos de 8,9% na Noruega e de 0,2% na Rússia. Por sua vez, as reservas da África registraram alta de 2,9%, atingindo 130,3 bilhões de barris (7,8% do total mundial), impulsionadas pelo aumento de 21% nas reservas de Angola. As reservas da região Ásia-Pacífico se ampliaram em 0,1%, totalizando 41,5 bilhões de barris (2,5% do total), em consequência da elevação de 1,3% na Austrália e de 0,3% na Índia.

Por fim, as reservas das Américas Central e do Sul registraram alta de 0,5%, somando 328,4 bilhões de barris (19,7% do total mundial), impulsionadas por Brasil, Colômbia e Equador, cujas reservas cresceram 1,8%, 10,7% e 14,3%, nesta ordem. Com este incremento, o Brasil ficou na 15ª posição do ranking mundial de reservas provadas de petróleo, com um volume de 15,3 bilhões de barris.

Tabela 1.1

Gráfico 1.1

Cartograma 1.1

1.2. Produção

O volume de petróleo produzido no mundo em 2012 aumentou cerca de 1,9 milhão de barris/dia (2,3%) em relação a 2011, passando de 84,2 milhões de barris/dia para 86,2 milhões de barris/dia.

A produção da Opep foi responsável por três quartos do crescimento da produção global, apesar do decréscimo de quase 680 mil barris/dia (-15,6% ante 2011) na produção do Irã, em função do embargo imposto pela União Europeia e os Estados Unidos a suas exportações de petróleo. Essa diminuição foi compensada pelo aumento de 1 milhão de barris/dia na produção da Líbia, que quase retornou aos níveis de 2010, depois da crise política e a onda de violência que assolaram o país em 2011. Além disso, pelo segundo ano consecutivo, a produção de petróleo na Arábia Saudita, nos Emirados Árabes Unidos e no Catar bateu recorde. Assim, em 2012, a produção da Opep atingiu 37,4 milhões de barris/dia, o equivalente a 43,4% do total mundial, após aumento de 4% em comparação com 2011.

Enquanto isso, a produção dos países que não fazem parte da Opep teve um incremento de pouco mais de 490 mil barris/dia (+1% ante 2011), atingindo 48,7 milhões de barris/dia (56,6% do total mundial). Os maiores acréscimos no volume de produção foram registrados por Estados Unidos (+1 milhão de barris/dia), Canadá (+214,6 mil barris/dia), Rússia (+133,4 mil barris/dia) e China (+81 mil barris/dia). Esses aumentos mais do que compensaram as interrupções de produção inesperadas no Sudão e no Sudão do Sul (-340 mil barris/dia) e na Síria (-163,2 mil barris/dia), assim como o declínio de produção em províncias petrolíferas maduras como Reino Unido (-146,8 mil barris/dia) e Noruega (-124 mil barris/dia).

A Arábia Saudita permaneceu como maior produtor mundial de petróleo, com volume médio de 11,5 milhões de barris/dia (13,4% do total mundial), após alta de 3,5% em relação a 2011. A Rússia ocupou o segundo lugar no ranking, com produção média de 10,6 milhões de barris/dia (12,4% do total mundial), um acréscimo de 1,3% ante 2011. Em seguida vieram Estados Unidos (10,3% do total mundial), China (4,8% do total mundial), Irã (4,3% do total mundial) e Canadá (4,3% do total mundial).

O Brasil se situou na 13ª posição, após decréscimo de 2% no volume de óleo produzido, totalizando 2,1 milhões de barris/dia (2,5% do total mundial).

O Oriente Médio continuou como região de maior produção de petróleo, com um volume médio de 28,3 milhões de barris/dia (32,8% do total mundial), após aumento de 1% em comparação com 2011. A região que compreende Europa e ex-União Soviética veio em seguida, com 17,2 milhões de barris/dia (20% do total mundial), apesar do decréscimo de 1,4%. Este resultado se deu em consequência das quedas de produção em vários países como Azerbaijão (-5,1%), Cazaquistão (1,7%) Dinamarca (-8%), Noruega (-6,1%) e Reino Unido (-13,2%).

A América do Norte ocupou o terceiro lugar, com produção média de 15,6 milhões de barris/dia (18,1% do total mundial), após aumento de 8,5%, impulsionado pelas altas de 13,2% nos Estados Unidos e de 6,1% no Canadá. Por causa da revolução do shale norte-americana, os Estados Unidos registraram o maior crescimento de produção de petróleo dentre todos os países e de sua história.

Em seguida veio a África, com média de 9,4 milhões de barris/dia (11% do total mundial), um acréscimo de 8% em relação ao ano anterior, em decorrência da recuperação do volume de produção da Líbia. A região Ásia-Pacífico registrou alta de 0,8% em sua produção, para 8,3 milhões de barris/dia (9,6% do total mundial).

Por fim, as Américas Central e do Sul registraram queda de 1,2% em sua produção de petróleo, para 7,4 milhões de barris/dia (8,5% do total mundial), com destaque para os decréscimos nos seguintes países: Argentina (-3,4%), Brasil (-2%), Peru (-2,5%), Trinidad e Tobago (-13,7%) e Venezuela (-1,5%).

Tabela 1.2

Gráfico 1.2

Cartograma 1.2

1.3 Consumo

Em 2012, o consumo mundial de petróleo totalizou 89,8 milhões de barris/dia, após aumento de 1% (+895 mil barris/dia), abaixo da média de crescimento de 1,3% dos últimos 10 anos. A China foi o país que mais contribuiu para esse incremento, com alta de 4,8% (+471 mil barris/dia). Depois, foi o Japão, com alta de 5,6% (+249 mil barris/dia), sua maior taxa de crescimento desde 1994.

Em contrapartida, o maior declínio no consumo global foi registrado nos Estados Unidos, de 2,1% (-395 mil barris/dia). Apesar disso, no ranking de países que mais consumiram petróleo em 2012, os Estados Unidos se mantiveram na primeira posição, com 18,6 milhões de barris/dia (20,7% do total mundial). A China veio em seguida, com consumo médio de 10,2 milhões de barris/dia de petróleo (11,4% do total mundial). Na terceira colocação ficou o Japão, com 4,7 milhões de barris/dia (5,3% do total mundial).

O Brasil se manteve em sétimo lugar, após acréscimo de 2,4% (+64 mil barris/dia) no consumo de petróleo, totalizando 2,8 milhões de barris/dia (3,1% do total mundial).

Dentre as regiões, a posição de maior consumidora de petróleo continuou ocupada por Ásia-Pacífico, com 29,8 milhões de barris/dia (33,2% do total mundial). O crescimento do consumo nessa região foi de 3,6% (+ 1 milhão de barris/dia), impulsionado por China, Japão e Índia.

Em seguida veio a América do Norte, com 23 milhões de barris/dia (25,7% do total mundial), após decréscimo de 1,5% (-356 mil barris/dia) em relação a 2011, em decorrência da diminuição de consumo nos Estados Unidos. A região que compreende Europa e ex-União Soviética também teve queda no consumo de petróleo, de 2,3% (-430 mil barris/dia), totalizando 18,5 milhões de barris/dia (20,7% do total). Nessa região, a maior redução no consumo foi registrada na Itália, de 8,9% (-130 mil barris/dia).

O Oriente Médio, por sua vez, foi responsável por 9,3% do consumo mundial, com 8,4 milhões de barris/dia – um crescimento de 4,5% em relação a 2011. Os maiores aumentos de consumo de petróleo nessa região foram registrados por Arábia Saudita (+100 mil barris/dia) e Irã (+92 mil barris/dia).

As Américas Central e do Sul também registraram alta em seu consumo de petróleo, em consequência de aumentos em quase todos os países, com exceção de Trinidad e Tobago. Com isso, o acréscimo na região foi de 2%, e o consumo atingiu 6,5 milhões de barris/dia (7,3% do total mundial). Por último, a África apresentou elevação de 4,9%, totalizando 3,5 milhões de barris/dia no consumo de petróleo (3,9% do total mundial).

Tabela 1.3

Gráfico 1.3

Cartograma 1.3

1.4. Refino

Em 2012, a capacidade efetiva de refino instalada no mundo era de 92,5 milhões de barris/dia, 0,4% (+355 mil barris/dia) maior que em 2011.

Dentre os países que tiveram adição de capacidade de refino, a China se destacou com um incremento de 713 mil barris/dia, totalizando 11,6 milhões de barris/dia. A Índia também obteve grande adicional de capacidade, de 304 mil barris/dia, somando 4,1 milhões de barris/dia.

Em contrapartida, alguns países tiveram diminuição na capacidade de refino, principalmente na Europa, onde a demanda vem caindo continuamente desde a crise de 2008. As maiores reduções de capacidade ocorreram no Reino Unido (-157 mil barris/dia), na França (-132 mil barris/dia) e na Itália (-111 mil barris/dia).

No ranking de maiores capacidades de refino, os Estados Unidos mantiveram a primeira posição, com 17,4 milhões de barris/dia (18,8% da capacidade mundial), após aumento de 66 mil barris/dia. Em sequência vieram China, com 11,6 milhões de barris/dia (12,5% da capacidade mundial); Rússia, com 5,8 milhões de barris/dia (6,2% da capacidade mundial); Japão, com 4,3 milhões de barris/dia (4,6% da capacidade mundial); e Índia, com 4,1 milhões de barris/dia (4,1% da capacidade mundial). Juntos, estes cinco países responderam por 46,5% da capacidade mundial de refino.

O Brasil caiu para a 11ª colocação no ranking, com 2 milhões de barris/dia (2,2% da capacidade mundial), após diminuição de 0,5% em sua capacidade efetiva de refino instalada.

Dentre as regiões, Ásia-Pacífico era a de maior capacidade de refino instalada, com 30,1 milhões de barris/dia (32,6% da capacidade mundial), 3,3% (+949 mil barris/dia) a mais que em 2011.

Tabela 1.4

Gráfico 1.4

Cartograma 1.4

1.5. Preços

Em 2012, o óleo do tipo WTI teve cotação média de US$ 94,12/barril no mercado spot, registrando queda de 0,8% em relação a 2011. Enquanto isso, o petróleo do tipo Brent teve cotação média de US$ 111,58/barril, após alta de 0,2% ante 2011.

A grande diferença de preços (US$ 17,46/barril) entre o Brent e o WTI continuou em 2012, devido ao acréscimo de estoques em Cushing, Oklahoma (ponto de distribuição do WTI), em decorrência do aumento de produção de petróleo nos Estados Unidos. Isso criou um desequilíbrio entre oferta e demanda, fazendo com que a cotação do WTI não acompanhasse o ritmo de crescimento da cotação do Brent, que em 2012 atingiu níveis recordes.

Nos últimos dez anos, o crescimento médio anual do preço do WTI foi de 13,1%, e o do Brent, de 16,1%.

Tabela 1.5

Gráfico 1.5

Gráfico 1.6

Gás Natural

1.6. Reservas

Em 2012, as reservas provadas mundiais de gás natural somaram 187,3 trilhões de m³, após redução de 0,3% em comparação com o ano anterior.

As reservas dos países-membros da Opep, que concentraram 50,8% do total, apresentaram aumento de 0,1%, totalizando 95,2 trilhões de m³. Já as reservas dos outros países somaram 92,1 trilhões de m³, após queda de 0,7% em relação a 2011.

No ranking de países com maiores reservas provadas de gás natural, o primeiro lugar foi ocupado pelo Irã, com 33,6 trilhões de m³ (18% do total mundial). Em seguida vieram Rússia, com 32,9 trilhões de m³ (17,6% do total) e Catar, com 25,1 trilhões de m³ (13,4% do total mundial). Juntos, esses três países reuniram 48,9% das reservas globais de gás natural.

Dentre as regiões, a maior parte das reservas provadas se concentrou no Oriente Médio, após ligeira alta de 0,1%, somando 80,5 trilhões de m³ (43% do total). Depois, vieram Europa e ex-União Soviética, com 58,4 trilhões de m³ (31,2% do total), após queda de 0,1%.

A região Ásia-Pacífico, com 15,5 trilhões de m³ (8,2% do total), registrou redução de 0,6% em suas reservas de gás natural. Por sua vez, as reservas da África diminuíram 1,1%, totalizando 14,5 trilhões de m³ (7,7% do total). E, na América do Norte, as reservas tiveram um decréscimo de 3%, ficando em 10,8 trilhões de m³ (5,8% do total).

Por fim, as Américas Central e do Sul registraram aumento de 0,7% no volume de suas reservas, que totalizaram 7,6 trilhões de m³ (4,1% do total). O Brasil permaneceu na 31ª colocação no ranking das maiores reservas provadas de gás natural.

Tabela 1.6

Gráfico 1.7

Cartograma 1.5

1.7. Produção

Em 2012, a produção mundial de gás natural alcançou 3,4 trilhões de m³, após alta de 2,2% em relação a 2011. Os Estados Unidos, mais uma vez, registraram o maior crescimento volumétrico (+32,9 bilhões de m³) na produção anual de gás natural, em consequência da revolução norte-americana do *shale gas*. Outros países como Noruega (+13,2 bilhões de m³), Catar (+11,8 bilhões de m³) e Arábia Saudita (+10,5 bilhões de m³) também obtiveram significativos aumentos de produção. Por outro lado, a Rússia teve o maior declínio (-14,7 bilhões de m³) em termos volumétricos.

A produção de gás natural dos membros da Opep atingiu 657,1 bilhões de m³ (19,5% do total mundial), após expansão de 6,3% (+38,6 bilhões de m³) ante 2011, enquanto a dos países que não fazem parte da Opep totalizou 2,7 trilhões de m³ (80,5% do total mundial), após alta de 1,3% (+34 bilhões de m³) em comparação com 2011.

No ranking global de maiores produtores de gás natural, os Estados Unidos se mantiveram em primeiro lugar, com 681,4 bilhões de m³ (20,3% do total mundial), após incremento de 5,1% ante 2011. Em seguida veio a Rússia, com 592,3 bilhões de m³ (17,6% do total mundial), apesar da queda de 2,4%. O Brasil ocupou a 34ª posição, com produção de 17,4 bilhões de m³ (0,5% do total mundial), após alta de 4%.

Dentre as regiões, a América do Norte obteve o maior crescimento volumétrico na produção de gás natural, que totalizou 896,4 bilhões de m³ (26,6% do total mundial), após alta de 3,5% (+29,9 bilhões de m³). A segunda maior expansão foi registrada pelo Oriente Médio, cuja produção atingiu 548,4 bilhões de m³ (16,3% do total mundial), após alta de 5,7% (+29,7 bilhões de m³). Em seguida, veio a região Ásia-Pacífico, com acréscimo de 1,4% (+6,6 bilhões de m³) em sua produção, que alcançou 490,2 bilhões de m³ (14,6% do total mundial). Por sua vez, as Américas Central e do Sul registraram alta de 3,4% (+5,8 bilhões de m³), totalizando 177,3 bilhões de m³ (5,3% do total mundial). Por fim, a África registrou acréscimo de 2,4% (+5,1 bilhões de m³), somando 216,2 bilhões de m³ (6,4% do total mundial).

A região que compreende Europa e ex-União Soviética se manteve como maior produtora global de gás natural, com 1,04 trilhão m^3 (30,8% do total mundial), apesar da queda de 0,4% (-4,5 bilhões de m³).

Vale ressaltar que a metodologia de cálculo da BP para a produção de gás natural não inclui queima, perda, reinjeção, diferentemente da realizada no Brasil. Isso justifica a diferença entre valores que constam desta Seção e da tabela 2.13 da Seção 2.

Tabela 1.7

Gráfico 1.8

Cartograma 1.6

1.8 Consumo

Em 2012, o consumo global de gás natural apresentou aumento de 2,5%, abaixo da média de crescimento de 2,8% dos últimos 10 anos, alcançando 3,3 trilhões de m³. O crescimento do consumo ficou acima da média histórica nas Américas Central e do Sul, na África e na América do Norte, onde os Estados Unidos registraram o maior incremento do mundo (+4,6% ou +31,6 bilhões de m³). Esses acréscimos no consumo de gás natural mais do que compensaram os declínios na Europa e na Ex-União Soviética (-2% ou -22,5 bilhões de m³).

No ranking de maiores consumidores de gás natural, os Estados Unidos permaneceram na primeira posição, com 722,1 bilhões de m³ (21,8% do total mundial), seguidos da Rússia, com 416,2 bilhões de m³ (12,6% do total mundial).

Por regiões, o maior consumo foi verificado na Europa e na ex-União Soviética, de 1,1 trilhão de m³ (32,7% do total), apesar da queda de 2%. Em seguida, veio a América do Norte, com 906,5 bilhões de m³ (27,4% do total mundial), após aumento de 4,4%, impulsionado pelo crescimento de 9,2% no consumo de gás natural no México e de 4,6% nos Estados Unidos.

A região Ásia-Pacífico registrou aumento de 5,3% no consumo de gás natural, que subiu para 625 bilhões de m³ (18,9% do total mundial). Por sua vez, o Oriente Médio apresentou crescimento de 4,3%, totalizando 411,8 bilhões de m³ (12,4% do total mundial), enquanto a África teve incremento de 7,8%, alcançando 122,8 bilhões de m³ (3,7% do total mundial).

Nas Américas Central e do Sul, o aumento do consumo foi de 5,6%, atingindo 165,1 bilhões de m³ (5% do total mundial). O Brasil registrou alta de 9,8%, totalizando 29,2 bilhões de m³ (0,9% do total mundial), e ocupou a 31ª posição no ranking de maiores consumidores de gás natural.

Tabela 1.8

Gráfico 1.9

Cartograma 1.7